

“Não, não sou daqui”: Reflexões etnográficas sobre lugar de origem, interior e processos migratórios de jovens interioranos, LGBTQI+, negros em Natal-RN.

Lucas do Nascimento Santos - UNICAMP¹

Resumo:

A presente proposta é um fragmento da minha pesquisa de doutorado², em desenvolvimento, onde busco compreender como marcadores sociais de gênero, sexualidade, raça, território e geração se relacionam e influenciam os processos migratórios dos meus interlocutores: jovens interioranos, negros, LGBTQI+³ que migraram para Natal, capital do Rio Grande do Norte. Neste texto, parto das trajetórias e narrativas dos meus interlocutores para explorar como os lugares de origem são descritos e imaginados por esses sujeitos. Assim, acompanhando os processos de subjetivação, me deparo com formas complexas de imaginar e reelaborar os lugares de origem, suas cidades e seus interiores. Indo de encontro a narrativas que insistem em reduzir os interiores do Nordeste apenas a espaços de negação e expulsão para dissidentes de gênero e sexualidade, o que tenho encontrado nas experiências desses jovens são formas de reivindicar e disputar esses lugares, reelaborando relações com pessoas, família, amigos, vizinhos, e espaços como a casa, a rua e outras paisagens. Com esse movimento, é possível imaginar projetos de retorno ao interior, que não se limitam aos deslocamentos físicos de seus corpos. Concluo que, a mudança para Natal-RN possibilita uma série de experiências que modificam sujeitos e subjetividades, tornando possível também traçar novos imaginários sobre os lugares de origem. Através das memórias e emoções, outras perspectivas sobre o “interior” são desenhadas, atravessadas por noções de pertencimento e orgulho que constituem a identidade desses sujeitos, reivindicando seus territórios. A mudança excede os processos migratórios e passa também a produzir espaços, através da etnografia se torna possível compreender outras dinâmicas envolvendo a capital, os interiores, os fluxos e os movimentos que são atravessados por questões de gênero e sexualidade. Com isto, tento ressaltar que o caminho entre interior e capital não é marcado apenas pela saída, mas também pela construção das possibilidades de retorno.

Palavras-chave: Interior; Nordeste; LGBTQI+.

Introdução

Certo dia, estava saindo do prédio do CCHLA⁴ com Ariel⁵. Estávamos participando de uma reunião do nosso grupo de orientação⁶, onde apresentamos nossas

¹ Trabalho apresentado na 35ª Reunião Brasileira de Antropologia (Ano: 2026)

² O presente trabalho foi realizado com apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior – Brasil (CAPES) – Código de Financiamento 001.

³ O desenvolvimento da pesquisa tem se direcionado para experiências de homens gays e bissexuais. Mantenho a sigla LGBTQI+ no intuito de identificar uma perspectiva política coletiva e para sinalizar as discussões no campo de gênero e sexualidade.

⁴ Centro de Ciências Humanas, Letras e Artes da Universidade Federal do Rio Grande do Norte.

⁵ Opto por utilizar pseudônimo no intuito de garantir o anonimato dos meus interlocutores, já que tratamos de assuntos íntimos que envolvem diversas dimensões das vidas desses sujeitos. Os interlocutores que aparecem neste texto são homens gays, entre 25 e 30 anos de idade, negros com diferentes tons de pele e vindos de diferentes cidades do interior do Rio Grande do Norte para Natal.

⁶ Grupo formado pelas pessoas que são orientadas pelo Prof. Dr. Paulo Victor Leite Lopes do Departamento de Antropologia da UFRN, que coorienta minha pesquisa de doutorado.

propostas de pesquisas junto com os/as outros/as colegas. Tinha combinado com Ariel de sentar para conversar sobre nossas vidas e de fazer algumas perguntas relacionadas à minha pesquisa. Ele já tinha aceitado ser um dos meus interlocutores. Entre risadas, nos despedimos das outras pessoas que estavam na reunião anunciando que estávamos indo ser “antropólogo” e “interlocutor”, como se fossem “personagens” assumidos em determinado momento.

João, um dos colegas de orientação, ao se despedir falou em tom jocoso, quase irônico: “Lucas não me chama para ser interlocutor porque acha que eu não sou do interior”. Em outro momento, ele tinha me falado que era de Macaíba, cidade da Região Metropolitana, que fica a 18 km de distância de Natal. Na ocasião, comentei que não considerava Macaíba interior por sua proximidade com a capital, por suas dimensões e a conexão estabelecida entre algumas cidades da RM-Natal. De forma contraditória, quando escutei a “acusação” me defendi argumentando que eu não tinha o “poder” de definir quem era do interior e que as noções do que é ou não “interior” são relativas, podem mudar, dizendo: “Bicha, se você se considera do interior, quem sou eu para julgar”.

A forma como fui abordado gerou questionamentos que ainda não estavam nítidos durante a pesquisa. Eu estava focado nas trajetórias e processos migratórios dos meus interlocutores, mas já vinha sendo conduzido a refletir também sobre os lugares. Assim, foi se tornando cada vez mais central pensar o que é o interior e como esse espaço se apresenta em meu campo. Além disso, ser “do interior” também foi se constituindo um elemento significativo para meus interlocutores e para esta pesquisa, logo faço o esforço de compreender como as relações entre sujeitos e espaços constituem identidades e modificam subjetividades.

Na introdução de “A invenção do Nordeste e outras artes”, Albuquerque Júnior (2011) inicia seu debate evocando a estratégia da estereotipização utilizada para caracterizar a Região Nordeste através de diversos estereótipos como a seca, a caatinga, o sotaque “nordestino” e figuras emblemáticas como Lampião, Antônio Silvino e Antônio Conselheiro. Para o autor, o discurso da estereotipia é assertivo e repetitivo, reclamando o direito de definir o outro a partir de uma caracterização grosseira, que apaga multiplicidades e diferenças desse outro, homogeneizando superficialmente o grupo, “O estereótipo é um olhar e uma fala produtiva, ele tem uma dimensão concreta, porque, além de lançar mão de matérias e formas de expressão sublunar, ele se materializa ao ser subjetivado por quem é estereotipado ao criar uma realidade para o que toma como objeto.” (Albuquerque Júnior, p. 30, 2011).

Me inspiro na discussão proposta pelo autor para buscar caminhos possíveis de delimitar e definir o que se entende por “interior” nesta pesquisa. Para isto, me apoio no debate teórico que apresentarei ao longo do texto, entretanto, a principal fonte é aquilo que tenho encontrado no campo, nas experiências, memórias, trajetórias e perspectivas dos meus interlocutores sobre a temática. Aqui, também assumo a posição dupla de pesquisador e interlocutor, acionando minha experiência como elemento constituinte das análises desenvolvidas.

O pensar o interior é atravessado por reflexões sobre a região, como ela se forma e é produzida internamente e para a nação. Assim, o Nordeste que é objeto de estudo de Albuquerque Júnior (2011) se ancora em diversos aspectos nas experiências, paisagens, relações e situações sociais que remetem ao sertão, aqui traduzido no “interior”. Estes imaginários conectam fortemente a população e o espaço. Nesse caminho, a caatinga é produzida enquanto o bioma, a seca enquanto premissa e calamidade, o sertanejo/interiorano como habitante e outros elementos constituem formas de pensar, ver e dizer o Nordeste.

Buscando tencionar os imaginários expostos acima, bem como a estereotipização, traço outras narrativas. Entretanto, não procuro uma verdade desconhecida sobre o interior, os sujeitos, as relações e os elementos que o habitam. Tento fazer o movimento de explorar como narrativas e ideias sobre esse lugar são constituídas e o produzem. Por vezes elas se chocam e isto também se torna um fato relevante para observar, são disputas e negociações dos discursos sobre o interior, o que supostamente deveria ser, o que não é, entre outros aspectos que o caracterizam.

Como bem demonstra Albuquerque Júnior (2011), algumas linguagens artísticas legitimam uma identidade regional que é constituída de outros elementos e por inúmeras práticas regionalistas. Focando no Nordeste, esse movimento vai no mesmo sentido das elaborações sociológicas sobre a região feitas por Gilberto Freyre em suas obras. Albuquerque Júnior (2011) toma o “romance de trinta” como uma das expressões na literatura que exemplifica o processo citado acima. A elaboração de personagens típicos, seus valores, formas de pensar, se expressar, os comportamentos, além das paisagens, cenas, metáforas que aproximam o regional e causam identificação nos leitores, constituindo identidades e subjetividades que ligam sujeitos à região Nordeste.

Imagens, cenas e personagens que se repetem nas histórias, retratando e produzindo o Nordeste e o que se diz sobre a região, inclusive com uma linguagem própria que aciona e é acionada pelos elementos citados acima. São as manifestações de uma regionalidade que apontam para uma essência que é também sua base: “A região os

explica, ao mesmo tempo em que está implicada neles.” (Albuquerque Júnior, p. 137, 2011)

Concordo com o argumento do autor, que indica que essas perspectivas encontram permanências nas formas de pensar e dizer o Nordeste. São ressonâncias que ecoam em diferentes aspectos e com diversas nuances na maneira como a região é ainda hoje pensada, seja internamente, assumindo e reproduzindo essas narrativas ou mesmo utilizando-as para estabelecer críticas, ou externamente, em discursos que operam pela via do estereótipo, seja pela curiosidade, romantização ou exotificação.

Aqui, proponho que essas imagens pensadas através das dicotomias sertão e litoral/mar, cidade grande e ruralidade se estendem e falam também do interior e seus imaginários. Não à toa, estes são os espaços que se confundem com os lugares de partida, de onde os retirantes/migrantes fazem suas marchas, as diferentes “fugas” que são acionadas nas narrativas sobre esses lugares. Na descrição das paisagens e dos elementos que as compõem, o sertão se confunde com o interior na medida em que ambos são elaborados em oposição à capital e ao litoral. Novamente, ressalto que todos esses lugares não “dizem” apenas sobre seus limites físicos e geográficos, mas também dos aspectos simbólicos, daquilo que passam a significar e dar sentido.

Neste processo, o interior surge enquanto o espaço onde se encontra resguardada certa “essência”, seja por suas paisagens ou por seus personagens que transitam entre a realidade do cotidiano e as narrativas estereotipadas. Por outro lado, há também aqueles que denunciam as posições e hierarquizações que estão no plano de fundo dessa manutenção do espaço em uma perspectiva tradicionalista, seja na geopolítica e relações de poder estabelecidas entre regiões dentro da nação, seja nas relações dentro da própria região ou mesmo na relação entre interior e capital ou entre grandes, médias e pequenas cidades. A memória e a saudade são substituídas pelo atraso, a ausência e a denúncia das desigualdades que mantêm hierarquias.

Antes de excludentes, estes discursos se encontram para além do conflito. Nesse caminho, tradição e modernidade se aproximam na atualização das formas de pensar, dizer e ver o Nordeste e o interior. É na reinvenção desses espaços, no acionamento de elementos que fogem da estereotipia que os sujeitos trazem a memória, as figuras emblemáticas, os cenários, entre outros aspectos, para junto da transformação. O Nordeste é pensado não apenas enquanto vítima de suas circunstâncias ou subjugado pelo desenvolvimento das outras regiões, mas enquanto potência, espaço de especificidades e características que o distinguem. É neste sentido que o interior se descola do espaço do atraso, é apresentado como positivo e com qualidades que nublam

a hierarquia em relação à capital, mas sem esquecer as desigualdades e problemas enfrentados.

Assim, a proposta que segue tem como objetivo explorar a ideia de interior e de ser “do interior”, refletindo sobre a constituição de lugares, sujeitos e as relações traçadas a partir deles. Para isso, o foco inicial se preocupa em explorar e analisar como o “interior” é definido, imaginado e reelaborado através das experiências dos meus interlocutores. Em seguida, elaboro como ser “do interior” se apresenta como elemento importante na construção das identidades dos sujeitos e de seus processos de subjetivação. Entendo que espaço e sujeito se encontram no movimento de retorno aos lugares de origem. Assim, emoções, identidade, pertencimento, orgulho, entre outros aspectos são acionados na reelaboração do imaginário de interior e de quem pode habitá-lo.

Lá no interior: tensionando espaços e narrativas

A maior parte desta pesquisa é realizada na capital, por mais que tenha tido experiências de campo no interior que possibilitaram o início e o desenvolvimento de questionamentos e reflexões. Entretanto, ela é realizada com pessoas interioranas falando sobre o interior, empregando perspectivas e concepções de sujeitos que saem de suas cidades de origem em direção à capital. Reafirmo isso para que se tenha em mente que as análises se dão a partir de situações e contextos próprios, entendendo que as experiências nesses espaços não são uniformes. Busco junto aos meus interlocutores borrar perspectivas pensadas a partir da e para a metrópole e os grandes centros urbanos sobre o que seria o interior e suas populações, instigado pelas provocações de Domingues e Gontijo (2021).

Aciono a categoria “interior” de forma recorrente, mas apesar de desenvolver reflexões que ampliam e aglutinam essas cidades, sempre mantenho no horizonte suas diferentes configurações sociodemográficas, políticas, econômicas e culturais. As especificidades de cada lugar de origem são tecidas a partir das histórias e trajetórias dos meus interlocutores. Eles elencam características desses espaços que se conectam a outros sujeitos e relações, sobre o que se tem ou não nessas cidades, as histórias sobre e com elas.

A ausência de água⁷ faz parte da minha experiência interiorana, assim como a presença dela surgia nos relatos dos meus interlocutores. Darwin menciona não só a presença dos rios de sua cidade enquanto elementos da paisagem, mas também como cenário de diversas memórias, aventuras que influenciaram inclusive nos seus projetos de futuro. Os rios para ele são qualificados através de sentimentos, com carinho e pertencimento de quem entra em águas que conhece. Billie também faz alusão às águas, quando pedi para que ele imaginasse e descrevesse a casa onde morava no interior, a casa de seus avós que é descrita como sua nesse período, ao falar da cozinha estavam presentes ali naquele espaço os móveis, seu avô, e olhando pela janela estava o açude. Apesar de estar fora do espaço da casa ele se mantém presente, um elemento relevante para descrever aquele lugar, seja percebido pelos olhos ou pelo som da sua existência.

Esses são breves exemplos de como “o interior” ganha especificidades e passa a ser entendido como os interiores, no plural, como suas múltiplas configurações apontam. Esta é a perspectiva que perpassa toda esta pesquisa desde o campo até as reflexões propostas. Entretanto, não podemos perder de vista como elementos e características compartilhadas são evocadas aqui no intuito de analisar e problematizar a ideia de interior e como ela é constantemente acionada por meus interlocutores e de uma forma geral na vida cotidiana. Pensar “o interior” se faz justamente nesse movimento de aglutinar e especificar experiências e espaços sem engessar e homogeneizar em uma única narrativa.

A migração se mostra um aspecto relevante para entendermos como esses lugares se constituem em diálogo, a forte presença de pessoas do interior que historicamente migram para as capitais transformam esses espaços através de sua presença, seus usos e apropriações. É importante pensar que, apesar de “não ser como lá”, esses elementos materializam de quais formas “o interior” habita a capital/grandes cidades e como esses sujeitos desenham e reconfiguram o espaço urbano.

Em meu campo de pesquisa, o interior e suas características não me parecem ser formuladas a partir unicamente de uma referência rural, mas de já reconhecer dinâmicas urbanas outras, que não seguem completamente aquilo que é projetado tendo a capital como referência. Inclusive, a confusão que assemelha o interior com o rural é apontada como “coisa de gente da capital” ou do “povo de Natal”.

⁷ Aqui falo de ausência de forma ampla. Além da falta do abastecimento de água, Santa Cruz e a região passaram por secas severas. Apesar da cidade ter um açude, no final da minha infância e adolescência ele estava constantemente em níveis drásticos de sua capacidade, o que impossibilitava o uso para banho. A cidade é/era cortada por um rio que é “morto” desde que tenho conhecimento, virando um córrego de esgoto a céu aberto.

Entendo que parte do debate na antropologia e sociologia urbana e dos estudos sobre o rural se fundamentou na dicotomia e na comparação entre urbano e rural, se definindo mutuamente. Parte daquilo que era atribuído ao rural passa a ser qualificador do interior, principalmente nos aspectos que reforçam distinções e hierarquizações quando comparados com o urbano, as grandes cidades e as capitais. Novamente imaginários sobre atraso, incivilidade, aspectos ligados à natureza, são elencados como definidores do que seria o interior.

Entretanto, se nos propomos a compreender esses contextos a partir de suas realidades, não podemos reproduzir esses discursos reducionistas que confundem o interior com o rural. Aqui faço a ressalva de que essa “confusão” pode se dar por boa parte daquilo que se entende enquanto rural, em suas configurações territoriais, sociais, culturais e outras, estar localizada nos interiores do estado, levando em consideração uma concepção geográfica de oposição entre capital e interior. A perspectiva que permeia esta pesquisa é de que existem diferentes formas de expressar a urbanidade e elas se manifestam nas diversas configurações das diferentes cidades que encontramos no interior.

Inclusive, muitas cidades no interior reafirmam sua urbanidade e sua posição e delimitação ao se contrapor com as zonas rurais em seus entornos. Tomando meu campo como base, os sujeitos nesses lugares costumam identificar aqueles que são da cidade ou da zona rural/”do sítio” e acionam com frequência esses lugares para se definir. Todos os meus interlocutores são “do interior” e moravam nas cidades do interior do estado. Especificamente, ao tentar desenvolver o que se entende como “o interior” nesta pesquisa, estão sendo usadas como fonte primária as cidades no interior do Rio Grande do Norte, de onde meus interlocutores migraram, mas as reflexões se ampliam e podem ajudar a pensar outros interiores, estando eles em outros estados do Nordeste ou do Brasil.

A multiplicidade de formas de expressar a urbanidade que está sendo discutida nesta pesquisa é bem mais conformada levando em consideração a dinâmica de comparação que coloca “capital” e “interior” enquanto referências que constituem esses espaços, sujeitos e relações do que uma dicotomia entre o urbano e o rural. Esse é um movimento que reconhece o status de “urbano” reivindicado por sujeitos e lugares, em suas histórias. Um tipo de evento que nos ajuda a compreender esse debate são os “aniversários das cidades” que se confundem com a data da emancipação política dos municípios. Nos interiores do RN essa data costuma ser festejada, ocupando lugar de

destaque nos calendários locais junto com as festas de padroeiras, celebrações que reafirmam a identidade local.

É interessante observar que essas duas referências de lugares, a capital e o interior, estão em contato direto. Podemos encontrar elementos “do interior” na capital e vice-versa, mas essas características são usadas com frequência para reproduzir distinções, podendo ser acionadas enquanto positivas ou negativas, dependendo do contexto. Por exemplo, observar cadeiras nas calçadas das casas e a sensação de tranquilidade são características comumente elencadas como interioranas, com forte respaldo na realidade vivida em parte dessas cidades, mas também em contraponto a violência urbana encontrada na capital e nas grandes cidades.

Ao descrever essas últimas, também é apontado o caráter “impessoal” que se pressupõe ao não se “conhecer as pessoas” na capital. Entretanto, o próprio fato de se encontrar na capital/grandes cidades elementos que são considerados interioranos, como as cadeiras e pessoas nas calçadas conversando, borram dicotomias engessadas entre interior e capital, aqui e lá. Assim como o aumento na violência e a impossibilidade de manter atividades rotineiras como a citada acima são apontadas como algo “externo”, que não é característico do interior.

Conto um rápido caso para exemplificar. Por volta de 2017 fui passar algumas semanas no interior para visitar minha família, aproveitei as férias da graduação para “voltar para casa” como costuma ser para parte dos discentes⁸. O assunto que circulava na minha vizinhança era justamente o aumento da violência urbana, dentro dos casos ocorridos estava o da minha irmã, que teve o celular roubado “na porta de casa” em uma das noites que antecederam minha chegada. A reação e os comentários seguiam uma mesma linha, já não se podia ficar na rua tarde da noite, pelo perigo que essa passou a representar. Para quem cresceu tendo a rua e a vizinhança como elementos que estavam ligados a casa, quase como uma extensão dela, não poder sair à noite era uma ruptura. Os vizinhos aconselhavam não dar “bobeira” com o celular, evitar sair e não ficar na porta de casa, como era de costume. A conclusão que escutei de diversas pessoas era uma só, “Santa Cruz tá pior que Natal”.

⁸ É comum notar como a UFRN fica “vazia” nos períodos de férias. O retorno de uma parcela significativa do corpo discente é sentida inclusive nas dinâmicas urbanas, nas ausências em Natal que são consequências diretas do “voltar para casa” inclusive dos meus interlocutores que aproveitam esses momentos e outras festividades para visitar suas famílias. A presença nos interiores são registradas e compartilhadas através das redes sociais, por vezes mostrando as diversas realidades das cidades, ruas e casas.

Uso esse exemplo para mostrar como a capital também se faz presente como uma referência cotidiana. Sempre que retorno para Santa Cruz⁹ sou atravessado por perguntas como “E como está Natal?”, “Em Natal é assim?”, entre outras que fazem a manutenção de imaginários sobre a capital e seus impactos na construção da ideia de interior. No mesmo sentido, quando estou em Natal e falo que sou do interior, perguntas do tipo “como é sua cidade?”, “o que tem por lá”, “lá tem isso ou aquilo?”, demonstram algum conhecimento e curiosidade sobre a multiplicidade abarcada pela categoria “interior”. Ressalto que também costumam surgir falas baseadas em estereótipos, principalmente ligados à “ausência” que é pressuposta em diversos aspectos, desde equipamentos urbanos, universidades, bens e serviços, até mesmo sobre as paisagens, a presença de água, rios entre outras coisas.

Domingues e Gontijo (2021) fazem uma interessante discussão sobre a ideia de interior a partir de seus campos, principalmente no interior da Região Norte do Brasil. Ao ressaltar as lacunas existentes na definição do interior enquanto categoria analítica, levando em consideração as complexidades das realidades, pequenas e médias cidades acabam sofrendo com imagens estigmatizantes. Nesse sentido, o termo “interior” passa a ter uma carga pejorativa causando discordância em seu uso. Assim eles elencam três grandes problemas do termo que seriam, de forma bastante resumida:

1) A sua associação às estratégias de exploração, colonização e de ocupação do território nacional [...] 2) Possui uma dimensão relacional, ou seja, o interior se transforma em um *lugar do outro* em uma identidade relacional que é nomeada a partir de um ponto de referência[...] 3)A ideia difundida entre as grandes cidades de *interior* como sinônimo de *atraso* e conservadorismo, lugares não passíveis de expressão da diversidade cultural, do *cosmopolitismo* e da *modernidade*, como os grandes centros urbanos[...]. (Domingues e Gontijo, p.65 e 66, 2021)

Concordo com a discussão proposta pelos autores e essa me parece ser uma perspectiva predominantemente “externa”, daqueles que buscam construir ou reproduzem narrativas reducionistas sobre o interior. Sem dúvidas, essa perspectiva está presente nas capitais e grandes cidades de forma massiva. Aproximando da minha pesquisa, ela também é consequência de imaginários produzidos e repassados ao longo da história, como as imagens estereotipadas do Nordeste representado pela seca, a fome e a miséria. Entretanto, ela adentra o Brasil, se “interioriza”, e circula por médias e pequenas cidades.

Desta forma, me parece que os autores focam nessa perspectiva “externa”, que pensa o interior, as pessoas e as relações de forma negativa através da ideia de estigma

⁹ Cidade onde nasci e morei até os 19 anos de idade, antes de migrar para Natal. Fica a aproximadamente 120 km da capital.

(Goffman, 1988), como eles elaboram. Entendo que uma perspectiva que tem como ponto de referência uma posição “externa” não dá conta dos processos de reivindicação dos sujeitos sobre seus territórios, deles próprios assumirem e identificarem o que é interior ou não, mesmo que o façam em contraponto com a capital. Essa me parece uma lógica projetada sobre o interior enquanto estigma, na forma de ser e interpretar esse espaço que não atende a parcela da população e do imaginário que reivindica justamente as características identificadas como “do interior” enquanto algo positivo, mais que isso, como algo autêntico que qualifica pessoas, relações e estilos de vida diretamente ligadas àqueles territórios.

É justamente nesse movimento que podemos complexificar a ideia de interior, borrando narrativas únicas e, principalmente, aquelas que reproduzem reducionismos e simplificam as várias formas de significar esse termo. Se entendemos aqui a necessidade e a potência desse movimento, podemos pensar em uma agência interiorana, que reclama a possibilidade de definir e qualificar esses territórios pelos sujeitos que os habitam, os constroem no cotidiano ou que deles são oriundos. Aprofundando um pouco mais, nesta pesquisa penso em como dissidentes de gênero e sexualidade podem disputar e nublar essencialismos sobre questões que relacionam gênero, sexualidade e território, reivindicando e qualificando o interior.

Resgato o episódio no qual estava em uma mesa com outros amigos “do interior” e um amigo natalense. Naquele momento, quando ele faz um comentário em tom jocoso “só podia ser do interior mesmo” e nós reagimos falando para ele ter cuidado, está em disputa quem e o que poderia ser dito sobre o interior, entendendo que a fala não apenas expõe, mas produz a realidade. Naquela situação, assumimos a posição de ser “do interior” e apresentamos nossas percepções como existentes e possíveis.

Ainda olhando as contribuições de Domingues e Gontijo (2021), acompanho o debate que os autores fazem para compreender a relação entre urbano e rural que repercute também na relação entre capitais/grandes cidades e interior/pequenas e médias cidades. Como bem apontado pelos autores, são necessárias medidas que façam a manutenção das hierarquias entre esses espaços e suas representações, indicadas como a construção de discursos e de um ethos urbano que se propõe superior a outras formas de ser e estar no mundo.

Corroboro com a argumentação que as experiências dos variados interiores no país são conformadas e influenciadas pela maneira como essas localidades foram historicamente configuradas. Isto afeta as concepções sobre espaços, sujeitos e relações,

diversificando as formas como são observadas e compreendidas. O exemplo do conservadorismo que os autores trazem é instigante por abordar justamente essa multiplicidade, se expressando inclusive em outras moralidades.

Dessa forma, entendo que os interiores no Nordeste também partilham de contextos sociohistóricos, políticos e culturais que se diferem de outras regiões do país, indicando também outras maneiras de ser e compreender o mundo. Pensando sobre a noção de conservadorismo, podemos resgatar a perspectiva em que força e resistência constituem a ideia de ser nordestino, um povo que sobrevive em um ambiente hostil. É lembrar da figura do “cabra macho” corajoso, o sertanejo aguerrido que luta contra a seca, a mulher forte e batalhadora.

Imaginar o interior também aparece como uma demanda a partir do momento que estava refletindo sobre a casa. A confusão entre essas duas noções me chamava atenção quando questionava meus interlocutores sobre seus lugares de origem, mas também quando falávamos sobre infância, família, amizades e outros assuntos que remetiam ao período em que ainda residiam no interior. Ir ou voltar para casa, assim, se confundia com as idas para o interior. Esses dois espaços compartilham significados, uma aproximação que parecia quase óbvia. Quando um deles me falava que iria ao interior, já estava subentendido que iria “lá pra casa”, “lá pra mãe” ou “lá pra casa de mãe”, misturando também as formas como definiam esses espaços.

Por outro lado, quando faziam alguma viagem ou iam visitar outra cidade, com frequência se especificava o lugar: “tô indo para o interior, vou para tal cidade”, já prevendo a possível confusão de que eu assumisse que eles estavam indo para “seus interiores”. Assim, definir o que é interior compreende diferentes formas de conceber e qualificar espaços, inclusive, diferenciando uma visão mais ampla da ideia que se estende de forma mais generalista, o interior, e um ponto de vista mais específico para falar dos lugares de origem, “meu interior”.

Destarte, destaco ao menos três elementos interessantes para pensar e delimitar a ideia de interior em meu campo: Oposição com a capital; distância com relação a Natal; e dimensões sociodemográficas da cidade. Entendo que existe uma análise contextual e algumas cidades gozam de uma certa ambiguidade em suas definições de serem ou não interiores. Este é o caso de alguns municípios da Região Metropolitana de Natal, como Macaíba e Ceará-Mirim. Apesar da sua proximidade com a capital e de estarem entre as seis maiores cidades do estado, por vezes são retratadas enquanto interiores, seja por seus próprios habitantes ou pessoas externas, como as que residem em Natal.

A dimensão demográfica e as percepções sobre cidade pequena, média ou grande mudam de acordo com as referências e perspectivas adotadas. Por exemplo, na pesquisa de Queiroz (2023), suas “interlocutoras/parceiras”, mulheres trans e travestis interioranas, que são oriundas de uma pequena cidade com aproximadamente 15 mil habitantes, a 200 km de distância de Natal, têm Mossoró como referência de cidade grande. Essa dimensão fica explícita quando o autor discute sobre relacionamentos afetivos e sexuais e suas “interlocutoras/parceiras” comparam os homens de sua cidade de origem com os de Mossoró, relatando como os da primeira são mais “mente fechada” e só queriam “gozar e ir embora”, diferente das experiências com os homens da segunda, “mente aberta” e que se preocupavam com o prazer delas.

Podemos notar como essas sujeitas elaboram noções de cidade grande e cidade pequena não apenas por dados sociodemográficos ou dimensões territoriais. Experiências afetivas e/ou sexuais passam a ser marcadores que servem para comparar e distinguir esses lugares partindo da ideia de “mente fechada” ou “mente aberta”. A cidade se torna também aquilo que se espera dela ou que se imagina encontrar. Dimensões como pequeno ou grande se tornam contextuais, dependem dos parâmetros e referências utilizados.

Para meus interlocutores, Mossoró é citada com frequência como uma “cidade pequena” ou interior, apesar de ser o segundo maior município do Rio Grande do Norte. Isto também acontece em alguns momentos para caracterizar Natal, quando comparada com outras capitais do Nordeste, como Fortaleza, Recife e Salvador, e do Brasil, especialmente São Paulo e Rio de Janeiro. Nesses momentos, aspectos demográficos são acionados para ilustrar como Natal ainda seria uma pequena capital, sendo enfatizado o número de habitantes e como nos ciclos e espaços frequentados por meus interlocutores “todo mundo se conhece e todo mundo já se pegou”.

Essas definições atravessam diversos aspectos da vida e são acionadas no cotidiano. Durante uma conversa sobre projetos de futuro, ao indagar se Jacques pretendia permanecer em Natal, ele usou seu trabalho e a realidade da capital para argumentar que precisaria migrar em algum momento. Fazendo uma análise sobre as oportunidades que um artista tem na cidade, ele entendia que migrar para uma capital maior se torna uma necessidade. Para dimensionar seus projetos, ele afirma “no mínimo Recife”, mas naquele momento o Rio de Janeiro teria ofertas mais interessantes para seu trabalho, pensando nas projeções e naquilo que ele produz.

Nesse exemplo os projetos de futuro e os processos migratórios são diretamente afetados pelas dimensões das cidades, aquilo que elas podem proporcionar

e o que se imagina sobre elas. No início, sair do interior para Natal já representava a concretização de um projeto, mas os desdobramentos dessa mudança fizeram Jacques traçar novas rotas, vislumbrando capitais maiores e as promessas de crescimento para seu trabalho. Natal se tornou pequena e o interior já não é uma opção de retorno.

Nesta pesquisa, assumo o interior como uma categoria relacional que se refere à parte do território de um estado ou região localizada fora de sua capital. Entretanto, é também um lugar social atravessado por concepções que refletem suas formações sócio-históricas, políticas, econômicas e culturais e as relações de poder mantidas com a capital e as grandes cidades. Dessa forma, o interior pode ser definido também como um espaço pensado através de imaginários socialmente construídos, representações que o colocam em oposição à capital e aos grandes centros urbanos. Ressalto que existem disputas sobre esses imaginários e representações, e que a oposição nem sempre é "pura", como polos opostos, mas pode se dar de forma complementar ou por meio de contrastes, levando em consideração hierarquias e posições dos espaços, sujeitos e relações.

Historicamente, podemos pensar a divisão entre interior e capital como a manutenção de relações de subjugamento e exercício de poder baseadas em e que baseiam divisões espaciais. Assim, são pensadas formas de diferenciação internas que justifiquem posições hierárquicas que fortalecem as capitais como centros de poder político, social e econômico e os interiores como os espaços que fornecem recursos, materiais e humanos, que precisam ser administrados nesses grandes centros de influência.

Observo que existem duas perspectivas predominantes sobre o interior. A primeira delas, que vou nomear como externa, se refere a um ponto de vista reducionista, que está fortemente baseado em estereótipos que colocam o interior em uma posição periférica, de inferioridade, quando comparada com a capital e os grandes centros urbanos. Essa relação hierárquica, baseada na desigualdade de poder e recursos, busca manter o interior como zona de influência das capitais e grandes centros urbanos, que se colocam enquanto modelo de urbanidade, destacado pelo desenvolvimento, modernidade, civilidade e outras noções que garantiriam sua posição de superioridade.

A segunda, vou chamar de perspectiva interiorana, é uma concepção do interior produzida por aqueles que são oriundos ou os habitam. Aqui, especificidades e complexidades são elaboradas e ressaltadas para expor as diversas configurações urbanas, sociais, políticas, econômicas e culturais que podemos encontrar nos interiores. Este ponto de vista borra as relações entre lugares ao trazer outras noções enquanto

métrica daquilo que se entende enquanto positivo e negativo, mudando o prisma de compreensão e avaliação dos espaços. Desta forma, essa perspectiva possibilita enxergar os interiores por meio de suas características, se distanciando de projeções que colocam a capital e os grandes centros urbanos como ideal.

Por exemplo, a tranquilidade do interior pode ser vista como algo negativo, que demonstra a ausência do que fazer, uma letargia reflexo de algo que falta, em oposição ao desenvolvimento e uma gama de estímulos que encontramos e seriam inerentes aos grandes centros urbanos. Entretanto, justamente essa tranquilidade pode ser elencada enquanto algo positivo, uma característica que motiva a permanência das pessoas que buscam se afastar do ritmo acelerado das capitais. Essa perspectiva desloca ideais de urbanidade que precisam ser alcançados e reposicionam os espaços de acordo com os sujeitos e contextos.

Assim, aproximando do que tenho observado em campo, se abre espaço para qualificar os lugares a partir das relações estabelecidas nele e com ele, pelas memórias, sentimentos, sujeitos e paisagens que fazem parte desses espaços. Não obstante, é nesse movimento que os lugares de origem surgem como “meu interior”, “minha cidade”, “minha casa”, “lá de onde eu venho”, expondo como as relações dos sujeitos são acionadas também na definição do que é o interior e as diferentes formas que ele assume nesta pesquisa.

Longe de serem referências que se repelem, essas perspectivas se influenciam mutuamente. Ambas estão presentes nos espaços e são reproduzidas pelos sujeitos, interioranos ou habitantes das grandes cidades e capitais. Elas modelam as formas de conceber os espaços revelando as disputas de imaginários presentes na relação entre interior e capital. As duas estão constantemente produzindo “o interior”, e seu “oposto”, na repetição e/ou negação de determinados elementos que são postos como definidores desse lugar. Assim, entendo que esta pesquisa se aproxima e dá força para perspectiva interiorana, fortemente expressada por meus interlocutores, mas que também leva em consideração essa outra e seus impactos. É nesse caminho que se observa o caráter processual e construído da ideia de interior e, conseqüentemente, suas mudanças.

Então, o que se propõe a partir desse debate é justamente a possibilidade de definir o interior a partir das experiências e formulações feitas por sujeitos interioranos, ou “do interior”¹⁰. Isto não significa aplicar um prisma positivado sobre este espaço, mas, como argumentei acima, revelar as formas complexas que ele se constitui. Ainda

¹⁰ No meu campo poucas vezes os interlocutores usam “interiorano” para se caracterizar, “do interior” é a forma êmica de se identificar e se qualificar.

neste sentido, a ideia de capital e cidades grandes enquanto destino desejado é borrada pelas formas que esses espaços são experimentados e concebidos, pelos processos migratórios e projetos de futuro dos meus interlocutores.

Sair de casa, sair do interior, ir para capital, se mudar para Natal, ganham outros contornos que a narrativa de expulsão e o preconceito contra dissidentes de gênero e sexualidade não dão conta de explicar. Compreender como a capital e os centros urbanos se tornam grandes “imãs”, com uma grande capacidade de atração baseadas na concentração de bens, serviços, equipamentos urbanos, além de poder político, social e econômico é fundamental para entender como os marcadores sociais influenciam enquanto motivadores dos processos migratórios dos meus interlocutores.

Ser “do interior”: construção de pertencimentos e identidades

Após pensar sobre o espaço e suas implicações através da ideia de interior, neste tópico desenvolvo a ideia de ser “do interior” como uma identidade dos sujeitos, mas que se expande e passa a ser um qualificador de coisas, ações e costumes. Aqui, refletimos sobre como memória, experiência e concepções sobre o interior interagem com imaginários sobre o espaço e influenciam nos processos de subjetivação dos sujeitos, suas visões de mundo e projetos de vida.

Durante o processo de interlocução, Billie mostrava como ser “do interior” perpassa o lugar de origem e como isso se expressa em um conjunto de experiências compartilhadas com outras pessoas. Assim, parece existir uma gama de signos e de conhecimentos específicos que passam a qualificar esses sujeitos e garantir algum tipo de legitimidade para sua identidade interiorana. Em nossos contatos isso ficava nítido quando ele me questionava sobre uma palavra específica, na forma de falar, no uso cotidiano ou no significado de alguma expressão. Saber e usar determinadas expressões “do interior” reafirma o lugar de origem nos contatos estabelecidos em Natal e era motivo de orgulho na medida em que isso materializa seu vínculo com o interior.

De forma bem mais sutil, isto também acontecia quando alguma música de “forró das antigas” ou bandas como Desejo de Menina, Companhia do Calypso, Calypso, Taty Girl, tocavam e eu acompanhava as letras. Nas primeiras vezes que isso ocorreu ele reagiu com uma mistura de ironia e surpresa, em uma dessas, enquanto sorria, ele me disse: “Rapaz, ele conhece essa” com um tom de aprovação e felicidade. Era interessante perceber como esses momentos de “validação” também eram acionados por mim, seja reagindo aos apontamentos e questionamentos provocadores ou nos movimentos de “mostrar que conheço”, quando não só acompanhava as letras das

músicas, mas conseguia identificar instrumentais ou mesmo falas emblemáticas que marcavam determinada experiência, como a forma de cantar em determinada versão de show ao vivo de uma das bandas citadas acima, em um DVD que fez muito sucesso. Esses conhecimentos fazem parte de um repertório compartilhado que atravessa a ideia de ser “do interior” em minha pesquisa.

Posso dizer que esse jogo de mostrar que “eu sou mesmo do interior”, por parte dos meus interlocutores ou mesmo partindo de mim não se limitava aos questionamentos da pesquisa. Ele surgia de forma despretensiosa e passei a identificar como uma expressão que perpassa as experiências de ser “do interior”, de identificar nossos pares, reafirmar uma identidade e também de situar esses sujeitos nesse outro espaço que passa a ser habitado. Não qualifica apenas os sujeitos em relação, mas transborda para o espaço da casa, da rua e da cidade. É quase como uma lente que esses sujeitos desenvolvem a partir dos processos migratórios. Conseguir identificar diferentes “objetos” através da ideia de ser “do interior” ultrapassa a autoafirmação, se torna uma forma de ser e de enxergar o mundo.

Retomando a ideia de especificidades dos interiores, quando, por exemplo, surgiam divergências sobre determinado tema ou fato, logo se acionava a singularidade dos seus lugares, “Ah, mas lá no meu interior não é/ era assim”. Isso foi algo que escutei e falei bastante durante o processo de pesquisa. Isto mostra que as distinções não são estabelecidas apenas na diferenciação entre capital x interior, mas também no processo de aproximar e afastar a noção de interior como algo que aglutina múltiplas experiências. Existe uma complexa movimentação onde é possível acionar essa noção como unidade quando é necessário, mas também de romper com narrativas homogeneizantes de enquadrar o interior ou o ser “do interior” como um bloco mais ou menos similar.

É interessante como o sentimento de pertencimento surge em dois sentidos, seja afirmando essa identidade mais geral de ser “do interior”, que reivindica um lugar na medida em que um outro, a capital, é negado. Em diferentes interações meus interlocutores afirmavam “Não, não sou daqui!”, “Eu moro em Natal, mas eu não sou daqui”. Nesse caminho, o pertencimento também surge quando é necessário ser ainda mais específico, nesses casos se recorre às experiências em suas casas, nas vizinhanças, nas suas cidades de origem, que são acessadas por memórias e sentimentos que são direcionados ao interior, mas não é qualquer interior, é “o meu interior”.

Os elementos que demarcavam as singularidades dos lugares eram os mais diversos. Em uma conversa com Jacques mencionei como estava com vontade de comer

saboroso/rola doce¹¹, ele não reconheceu a forma como nomeei o item, mas depois da minha descrição ele disse “Ah, é filhós!”. Eu discordei, dizendo que filhós era outra coisa, pois a referência que eu tinha era vinda de Caicó¹², região do Seridó de onde vem minha família paterna. Depois dele confirmar a descrição, entendi que estávamos falando da mesma coisa com nomes diferentes, uma divergência que marcava as distintas regiões do RN, o Oeste e o Agreste potiguar. O que seguiu foram comentários debochados sobre quem estaria “certo” e como as nomenclaturas expressam as origens. No fim, a capital foi marcada pela ausência ou pela dificuldade de encontrar alguns itens consumidos no interior. A memória afetiva acionada pela culinária ou denominação reforçam a identidade “do interior”, nessa conversa concluímos com risadas e deboche que “aqui eles não sabem o que é bom”.

Outro elemento que marca a noção de ser “do interior” são os processos de afastamento e aproximação dos meus interlocutores com seus lugares de origem e as relações que são estabelecidas com e nesses espaços. “Se mudar”¹³, então, aparece como um dos aspectos que provocam e possibilitam que essas reelaborações aconteçam, sejam elas pela distância física, quando meus interlocutores podem ter “tempo” ou mesmo “ver um pouco de fora da situação” os contextos que estão inseridos, e/ou por reaproximação, quando as relações são repensadas com “outra cabeça”, onde um retorno passa a ser imaginado de diversas formas. Essas inferências são compartilhadas por meus interlocutores e eu, aqui tento textualizar as reflexões que passaram a surgir de forma sutil ou mais pronunciada na medida que eles narravam seus processos migratórios, aquilo que permanecia, o que se tentava conservar na memória, o que gostariam de esquecer e, de forma mais intensa, o que tinha mudado ou a vontade de mudar.

Entretanto, quando pensamos nas reaproximações, isto nem sempre significava uma reconciliação com o lugar de origem, as pessoas e as relações que se entrelaçam. Fugindo de uma narrativa romantizada de “o bom filho à casa torna”, a forma como meus interlocutores elaboram suas narrativas sugerem outras formas de lidar com todo o contexto a partir de suas formas de estar no mundo, suas convicções e como agir frente a velhas e novas situações. Aqui são imaginadas reconciliações, relativizações, mas

¹¹ Um tipo de pão frito e depois passado no açúcar, criando uma crosta. Sempre que preciso explicar faço a comparação com um sonho sem o recheio, já que é um item mais comum.

¹² Bolinhas com massa feita com farinha de trigo ou batata doce, fritas e comidas junto com mel de rapadura. É uma receita com origem portuguesa e bastante consumida na região do Seridó.

¹³ Desenvolvo esta noção em minha pesquisa de doutorado. De forma breve, ela é a forma como meus interlocutores marcam seus deslocamentos, aproximando do que se entende enquanto migração. Entretanto, proponho que esta noção se expande e fala não só das mudanças físicas e geográfica, ela também envolve transformações subjetivas desses sujeitos em trânsito.

também rupturas e rearranjos, fazendo com que esses sujeitos, após “se mudarem”, possam agir de acordo com outros horizontes.

Mudança e retorno se unem e contribuem para as definições de interior e de ser “do interior”. Abaixo exponho mais um caso onde podemos explorar como essas movimentações surgem em meu campo. Com um leve sorriso, Darwin me contava sobre as memórias que tinha com a casa de sua avó, em sua cidade, e como compartilhamos um misto entre felicidade e saudades das dinâmicas desses lugares, mas que todos aqueles estímulos nos deixavam cansados. Ele faz o adendo que pensar sobre isto era também lembrar sobre as diversas piadas homofóbicas que tinha escutado naquele lugar ao longo da vida, que não necessariamente eram direcionadas a ele, mas que o afetava e o deixava triste.

Darwin já tinha me relatado sobre essa situação, mas o que me chamou a atenção foi como ele a reelaborou, trazendo para o presente e construindo uma outra narrativa onde a saudade dos seus avós se entrelaça com seu processo de mudança e juntos possibilitam um retorno agora que ele não se vê mais fragilizado.

O peso e a hesitação em suas palavras quando contava sobre as situações de homofobia¹⁴ cotidiana foram aos poucos ganhando força e forma ao pensar no presente, de como se sentia no momento e na firmeza de poder ensaiar os passos futuros. Ter se “assumido”, estar “bem resolvido” e não ser mais dependente financeiramente da sua família fez com que ele desenhasse um caminho de retorno, um reencontro com a casa de sua avó e, principalmente, com ela que “talvez nem entendesse porque eu sumi, mas porque eu sumi?”

Este reencontro é estabelecido de outra forma, partindo do seu próprio entendimento de mudança. Assim, ele traça formas possíveis de retornar, enfatizando as condições estabelecidas por ele para estar novamente neste lugar. Em suas palavras: “Eu tenho essa coisa de querer voltar, de aproveitar mais momentos com eles, mas também não vou aguentar as coisas como antes, quando não gostar de algo eu falo e posso ir embora” (Diário de campo, Novembro de 2024).

Essa reelaboração de si está diretamente ligada ao processo de mudança, do ingresso na universidade e de suas consequências que vão desde a possibilidade de independência financeira, através das bolsas e auxílios, até “entender melhor as

¹⁴ Classificar o conjunto de violências pelo qual passou como homofobia parte do meu interlocutor. Mantenho no texto a forma como ele caracterizou a experiência, mas entendo que a ideia de homofobia não dá conta da complexidade envolvida em tais situações. Por exemplo, ele relatava como existia um controle e repressão sobre a forma como se expressava, alguns trejeitos e forma de falar com alguma frequência por parte dos seus pais. A forma como essa experiência é descrita me parece bem mais motivada por uma expressão de gênero dissidente do que apenas uma ideia de sexualidade. Tentarei desenvolver esse ponto na tese.

questões da minha sexualidade e me entender melhor”. Novamente destaco que “se mudar” evoca a oportunidade de rearranjar relações e posicionalidades, outros caminhos para se ver e se colocar no mundo.

Anne-Marie Fortier (2001), refletindo sobre migrações queer e o lugar que o “lar” ocupa enquanto um ideal para essa população, faz uma interessante crítica sobre o retorno para o “lar”. Nos debates sobre migração, aqui pensando também nos marcadores de gênero e sexualidade, geralmente é estabelecido um enfoque na saída, muitas vezes expresso na expulsão dessas pessoas de seus lugares de origem, sejam eles cidades, regiões, países ou continentes. A provocação da autora é justamente repensar o lugar que o “lar” ocupa e complexificar narrativas que simplificam esses processos na ruptura com a casa e aquilo que ela representa.

Assim, Fortier (2001) nos convida a pensar o “retorno para o lar” de pessoas queer, mas não apenas tratando da dimensão física de voltar para esses espaços. A autora propõe, inclusive, repensar o “lar”, seja enquanto espaço fantasiado, criação de sentido de lugar que são imaginados e habitados de diversas formas, quer sejam físicas e/ou simbólicas, através das conexões, memórias e tantos outros jeitos que englobam a ideia de pertencimento. É partindo dessas reflexões que traço aproximações com meu campo através das reelaborações mencionadas acima. Fortier (2001) aponta como o tema do “lar” está presente nas narrativas de migrações queer e sua evocação pode reinscrever este local como desejado quando atravessado pela familiaridade, conforto e pertencimento.

É na ideia de “se mudar” e na possibilidade da reelaboração de si, dos lugares de origem e destino, no caminho expresso nos processos migratórios, nas memórias e elaborações sobre o passado, o presente e os projetos de futuro que meus interlocutores constroem suas narrativas e constituem processos de subjetivação complexos, que não repousam unicamente em rupturas e esquecimentos, mas que criam, por exemplo, lugares de origem que são possíveis, que para esta pesquisa se materializam nos “interiores” dos quais essas pessoas migraram em direção a Natal.

Considerações finais

Dentro da ideia de ser “do interior”, a experiência de expulsão e de negação desse lugar não pode entrar de forma descuidada no conjunto dos elementos compartilhados por esses sujeitos. Precisar sair e/ou o desejo de não retornar não pode assumir a posição de característica que define parte da identidade de “ser do interior”. Isto seria negar em um primeiro plano a vivência daqueles e daquelas que escolhem

e/ou precisam permanecer ou retornar para seus lugares de origem ou outras cidades no interior, reforçando o imaginário que conecta a plenitude da dissidência de gênero e sexualidade com a capital e os grandes centros urbanos. Em um segundo plano é negar as relações e emoções que envolvem aqueles que migram dos seus interiores, mas se mantêm vinculados a esses espaços de diversas formas, como venho desenvolvendo nesta pesquisa.

Desta forma, entendo que a expulsão, a exclusão, o isolamento, o medo, a tristeza, o sofrimento, o preconceito entre outros aspectos se fazem presentes nas experiências de pessoas dissidentes de gênero e sexualidade do interior. Entretanto este não é o ponto central que faz com que esses sujeitos elaborem e reivindiquem esta identidade e os seus impactos nos processos de subjetivação. É justamente por meio desses sujeitos e suas experiências que podemos desconstruir imaginários cristalizados sobre o interior, desnaturalizando um dito conservadorismo e outros aspectos que o tornam um não lugar para as dissidências de gênero e sexualidade.

Neste texto busquei explorar as formas como o interior é elaborado em meu campo, partindo das experiências dos sujeitos que fazem parte dele. A ideia de ser “do interior” mostra como esse espaço é reimaginado, desenhando caminhos que tornam possível refletir sobre como dissidências de gênero e sexualidade habitam o interior e traçam formas de retorno. Lugares, sujeitos e identidades se encontram nos processos migratórios dos meus interlocutores e se constituem mutuamente nessas trajetórias que tenho buscado compreender.

Bibliografia:

ALBUQUERQUE JÚNIOR, Durval Muniz de. A invenção do Nordeste e outras artes. 5. ed. São Paulo: Cortez, 2011.

DOMINGUES, Bruno Rodrigues Carvalho; GONTIJO, Fabiano de Souza. Como assim, cidade do interior? Antropologia, urbanidade e interioridade no Brasil. *Ilha R Antr*, v. 23, n. 3, p. 61-83, 2021.

FORTIER, Anne-Marie. ‘Coming home’ Queer migrations and multiple evocations of home. *European journal of cultural studies*, v. 4, n. 4, p. 405-424, 2001.

GOFFMAN, Erving. Estigma: notas sobre a manipulação da identidade deteriorada. Rio de Janeiro: LTC, 1988.

QUEIROZ, Josuel Silva de Souza. Cidade Amorável [?]: negociação da presença de sujeitas trans em um município interiorano do Rio Grande do Norte. Orientadora: Dra. Rozeli Maria Porto. 2023. 103f. Dissertação (Mestrado em Antropologia Social) - Centro de Ciências Humanas, Letras e Artes, Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Natal, 2023.